

José Remesal Rodríguez

Professor do Departamento de Pré-história, História Antiga e Arqueologia da Universidade de Barcelona. É especialista em história econômica e social de Roma, tendo estudado a produção e o comércio de alimentos. Aprofundou-se na análise da produção de azeite e o controle exercido por Roma sobre este, estudando também a história do crescimento da importância da região *Baetica*, do Sul da Península Ibérica. Tal importância aparece nos trabalhos que realizou em conjunto com José M. Blázquez no Monte Testaccio.

Entrevistadores

Pedro Fermín Maguire (Mestrando em História Cultural pelo IFCH/UNICAMP)

Isabela Soraia Backx Sanabria (Doutoranda em História Cultural pelo IFCH/UNICAMP)

Introdução

Durante a I Semana de Arqueologia do LAP, o professor José Remesal apresentou na UNICAMP alguns dos resultados de suas últimas escavações arqueológicas. Dentre eles, apontou diversas reflexões sobre o desenvolvimento da região *Baetica*, que passou de uma posição periférica para um lugar mais central no contexto das relações econômicas romanas antigas. Além disso, discursou sobre a importância das ciências e das disciplinas científicas nessas relações econômicas, já nos séculos XIX e XX, tendo ressaltado o papel da Arqueologia em diferentes regiões do mundo. Pensando também no século XXI e nas relações de poder, apresentou algumas das maneiras pelas quais os países podem apresentar-se perante o mundo e intervir na economia mundial. Por último, o professor compartilhou suas impressões sobre o trabalho de pesquisadores brasileiros e o desenvolvimento das pesquisas científicas no país.

Entrevista

Entrevistadores: Para as perguntas que farei vou basear-me em recomendações e questões que foram sugeridas a mim pelos companheiros do curso de pós-graduação em História cultural. Alguns alunos da linha de Subjetividade, Gênero e Cultura Material, que estudam a antiguidade romana, conhecem seu trabalho principalmente pelas escavações no Testaccio. Então a primeira pergunta é: como e por que o Testaccio constituiu um exemplo de um momento no processo de integração econômica de Roma?

José Remesal: O imperador Augusto criou um sistema de subvenção de alimentação em Roma, ou, melhor dizendo, deu continuidade a ele. Neste sentido, se viu na obrigação de garantir que em Roma não houvesse fome. Que houvesse paz social e não existissem conflitos por causa da fome. Para isso, utilizou os produtos das províncias, particularmente o cereal do Egito e o azeite da *Baetica*. Nesse sentido, a produção de azeite da *Baetica* se desenvolveu de maneira impressionante, e a Roma chegaram milhões de ânforas da *Baetica* contendo azeite durante três séculos, de modo a abastecer a cidade de Roma. Isso permitiu que as elites econômicas da província da *Baetica*, os que moravam no Sul da Espanha, se integrassem no poder e, de fato, o primeiro imperador provincial foi Trajano, um *Baetico*, não é?

E: Então o senhor mencionou a questão da fome como problema político para as elites Romanas. Hoje em dia, em países como o Brasil, o problema da fome foi colocado como questão política nos termos de se acabar com ele. Em outros países, desde 2008 ou 2009 houve várias rebeliões, motins e episódios de instabilidade política associados à questão da fome, o que gerou também uma maior preocupação entre as elites políticas desses países. Houve problemas de abastecimento no Norte da África e o primeiro ministro britânico chegou a questionar os modos sobre como esses problemas poderiam ser resolvidos. O senhor acha possível que a fome volte a ser uma questão política não só em países até agora considerados periféricos, mas também nos países da Europa? Na União Europeia?

J.R.: Supomos que a fome não, mas sim o problema da distribuição de alimentos, que continua sendo um elemento político importante na Europa. Na União Europeia, por exemplo, temos um problema básico que foi resolvido com a ideia de a Europa exportar produtos elaborados e receber matérias primas e alimentos. Isso gera problemas na Europa, por exemplo, para os agricultores espanhóis, o problema da importação de tomates, ou de laranjas do Marrocos. Para os agricultores franceses é um problema a exportação do morango

espanhol para a Europa. É claro que há um elemento econômico importante por detrás disso, o qual está presente, de uma forma ou outra, nos governos do primeiro e terceiro mundo. No caso do primeiro mundo é mais o problema da distribuição e do controle da produção. No caso do terceiro mundo, como já sabemos, é um problema efetivo de fome. No caso do Brasil, o pouco que eu conheço é o problema das grandes monoculturas, de produtos destinados à exportação, como a cana ou a soja que, naturalmente, ao impedir a diversidade de produtos, podem criar num determinado momento a ausência de produtos básicos.

E.: Neste salto que demos estamos desconsiderando muitíssimas diferenças fundamentais quando falamos em economia. Parece que empregamos uma palavra de origem grega para designar alguma coisa que talvez seja atualmente muito diferente daquilo que significava na antiguidade.

J. R.: Na antiguidade, a economia, a princípio, significava a administração da casa, uma coisa muito pequena. No mundo Romano o significado era o mesmo, ou seja, como um proprietário gerenciava sua casa e atingia o auto abastecimento. Naturalmente, aqueles que possuíam maiores propriedades produziam excedentes que não consumiam e, conseqüentemente, os vendiam. Como em qualquer momento histórico. Nesse sentido, a economia hoje tem um significado muito maior do que no mundo grego, mas continua sendo o conceito que utilizamos para definir as relações de produção e de consumo, de transporte e de benefícios sobre mercadorias.

E.: Mas os mercados da antiguidade eram muito diferentes?

J. R.: Bom, depende do momento histórico. No caso que eu estudo do Império Romano, poderíamos dizer que era uma espécie de mercado unificando tudo aquilo que era propriedade ou território do Império Romano. O que interessava a Roma, como qualquer criador de um império, era aproveitar os recursos dos outros para garantir o próprio bem estar. Podemos dizer disso do Império Romano, do Império Espanhol, do inglês, ou qualquer outro.

E.: Então não era tão diferente do que constitui hoje a economia mundial ou a União Europeia?

J. R.: Não, a maior diferença era a dificuldade de transportar grandes quantidades de produtos a grandes distâncias, os Romanos nesse caso tinham mais dificuldade. Somente podia ser transportado em massa aquilo que podia ser transportado por mar ou por via fluvial.

E.: Como eu já havia mencionado que seu trabalho aqui interessa bastante aos pesquisadores Brasileiros da antiguidade, eu queria perguntar-lhe como o senhor avalia as contribuições dos pesquisadores brasileiros para o conhecimento de períodos como a antiguidade romana, como o trabalho desenvolvido pelo professor Pedro Paulo Funari e por outras pessoas.

J. R.: Bom, o que eu observo entre os brasileiros é uma grande diversidade na abordagem de temas, talvez pela influência da Antropologia – à qual a Arqueologia está mais vinculada aqui – e, sobretudo, pelas ideias que podemos chamar de “presencialistas” ou “momentualistas”, a pesquisa que se faz aqui é sempre desde uma formação e de teorias muito recentes. A minha crítica consiste em que muitas vezes aquilo que parece uma teoria muito recente já existe há cem anos. Um historiador deve estudar não apenas um momento ou a percepção do mundo antigo num determinado momento, mas primeiro conhecer o mundo antigo e depois, talvez, estudar sua percepção desde o momento em que sabemos que existe a história antiga como ciência, não é?

E.: Vou mudar um pouco de tema, pois soube que recentemente, no ano de 2011 ou 2012, o senhor participou da edição de um livro sobre perdedores na antiguidade. A primeira pergunta é mais genérica e se trata de compreender se os romanos perdiam de uma maneira diferente da qual perdemos hoje.

J. R.: Não, era igual. O vencedor sempre impôs sua lei e o perdedor sempre se viu perdedor.

E.: No prólogo, na introdução a esse livro, o senhor faz referência a um estudo acerca das características estereotipadas sobre os perdedores, as quais estão presentes nas crônicas que deles fazem os vencedores. Entre elas aparecem a soberbia do perdedor e a sua molície. Parece que a molície designa uma espécie de tendência à debilidade ou a uma vida excessivamente fácil, alguma coisa parecida com a preguiça. Como hoje vivemos em um mundo no qual se fala muito, sobretudo no contexto espanhol, de viver acima das possibilidades, isso me faz lembrar um pouco dessa questão da molície. Quando olhamos para

o próprio passado da Espanha ou mesmo da União Europeia, isso parece ser uma censura não? Isso quer dizer que estamos diante de uma derrota? Isso é um sintoma de que o Norte da Europa está representando o Sul? Está recorrendo a essas representações porque o está derrotando de alguma maneira?

J. R.: Não sei. No mundo, o vencedor geralmente precisa procurar uma desculpa para dizer que é superior ao outro. E dizer que ele é superior não apenas militarmente, mas também, por assim dizer, espiritual e emocionalmente. Por isso, ao inimigo sempre são atribuídas as qualidades que o vencedor considera negativas. A molície é um jeito de dizer que você foi vencido porque não tem força, porque não lutou o suficiente. Não acredito que a relação norte-sul na Europa vá nessa direção, mas de alguma maneira isso ocorre. Os centro-europeus consideram que no sul vivemos muito bem, que ficamos olhando para o sol. Hoje em dia, se trata de uma questão econômica sobre quem controla e quem põe a sua força dentro da União Europeia.

E.: Extrapolando essa ideia da inferioridade do vencido e pensando em outros exemplos de conquista militar e de outros tipos na história – com os que permeiam a nós e nosso passado latino americano, por exemplo –, na história da conquista da América por vezes também se encontram passagens que sugerem superioridade tecnológica, superioridade organizacional, traição interna... E eu me pergunto se existe alguma possibilidade de contar outra vez as histórias em outros termos que não sejam os dos vencedores.

J. R.: Não sei, isso depende da consciência de cada um, da visão de cada geração sobre o fato histórico. O fato histórico de que europeus, quero dizer, portugueses e espanhóis, chegaram num momento no qual o desenvolvimento tecnológico deles não era muito grande, mas era superior ao dos povos que aqui existiam, o que os ajudou a se imporem e exercer a dominação. Como essa dominação será explicada já depende dos conhecimentos que tenhamos e das fontes sobre a ocupação dos espaços. Naturalmente, espanhóis e portugueses sempre tentaram demonstrar sua superioridade. Mas a conquista da América é interessante porque nela, pela primeira vez, se fala sobre os direitos humanos. E é quando pensadores ibéricos, como exemplo, Las Casas e Espinoza, começam a discutir o conceito dos direitos humanos, que é tão discutido hoje em dia.

E.: Para encerrar a entrevista, em sua apresentação sobre o Testaccio, o senhor mencionou a imagem internacional da Espanha e a imagem da Arqueologia espanhola. Isso tem algo a ver com Alcubierre? Isso seria uma resposta sua a essas representações que se faziam da Arqueologia espanhola, por exemplo, em Pompeia, como uma Arqueologia destrutiva, brutal e pouco respeitosa?

J. R.: Não. Alcubierre começou escavar em Pompeia com os métodos e as ideias que existiam em sua época. Desde aquele momento até hoje, naturalmente, os métodos de escavação mudaram e melhoraram. Hoje, somos críticos com os mais antigos, que fizeram um trabalho no qual não observaram tudo aquilo que nós gostaríamos que tivessem observado.

E.: Mas essa imagem internacional da arqueologia espanhola não é necessariamente negativa, ou é?

J. R.: Não. Em primeiro lugar, se falamos sobre historiografia, a maioria das pessoas não sabe que Alcubierre escavou em Pompeia. Inclusive no meio arqueológico. É somente uma questão historiográfica. Eu falava mais sobre a ideia da representação atual de um país. Ou seja, como os países hoje pretendem criar uma imagem positiva deles mesmos, estudando as culturas de outros. Nesse sentido, Alemanha, França e Inglaterra tentaram – especialmente Alemanha – criar institutos arqueológicos para estudar diversas culturas e, de alguma maneira, poder opinar sobre a cultura de cada país, de modo que qualquer país, de alguma maneira, precisasse da ciência alemã para conhecer sua origem. É uma relação, talvez, muito elaborada. Mas esse é o jogo hoje. Em vez de jogar com a espada, se joga com a imagem da cultura e da ciência.

E.: Sobre a relação entre uns e outros, poderíamos dizer que é uma relação colonial, no sentido de que uns podem fornecer as matérias primas e outros propõem os instrumentos para processar a informação?

J. R.: Bom, em algum momento sim. Em outros, depende do desenvolvimento de cada país. Na Turquia, por exemplo, existem arqueólogos muito bons. Eles passaram desse nível de colonizados a intervir eles mesmos direta e ativamente no processo do conhecimento arqueológico. Posso te contar que fui em 1980 ao Iraque. Saddam Hussein convidou muitos arqueólogos espanhóis. Foi na ocasião em que iam cobrir sítios arqueológicos com pântanos,



e a mensagem que enviaram foi muito clara: queremos que venham ao Iraque os melhores de todo o mundo, que rapidamente ensinem aos iraquianos a conhecer a Arqueologia e as técnicas arqueológicas, para que rapidamente os iraquianos possam estudar e explicar o nosso passado.

E.: Com a intenção de formar também as pessoas do local e...

J. R.: Sim, a condição para a escavação era a de que deveriam participar da equipe estudantes iraquianos.

E.: E depois da Guerra do Iraque esses vínculos se romperam ou foram renovados? A Arqueologia iraquiana conseguiu sobreviver de alguma maneira à guerra?

J. R.: É uma questão muito difícil, muito difícil porque a guerra destruiu muita coisa. Você se recorda da destruição dos museus, do roubo de materiais do museu nacional, a contínua exploração do país, seja pelas potências ou pelos especuladores que operam por detrás das grandes potências, ou dos mesmos autóctones iraquianos que negociam antiguidades para conseguir dinheiro. Houve escândalos muito notórios.

Toda a equipe do Laboratório de Arqueologia Pública agradece a entrevista concedida...